

A (im)possibilidade do sentimento de sororidade dentro de uma instituição total: um estudo no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino de Porto Alegre/RS¹

Roberta Silveira Pamplona (UFRGS)

Introdução e Metodologia

Este trabalho é fruto da participação na pesquisa intitulada "*Dos espaços aos direitos: a realidade da ressocialização na aplicação das medidas socioeducativas de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões do país*" da série "Justiça Pesquisa" do Conselho Nacional de Justiça², em que se buscou verificar as condições das unidades socioeducativas de internação feminina nas cinco regiões do Brasil. Na região Sul, optou-se pelo Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino, conhecido pela sigla CASEF, localizado na cidade de Porto Alegre.

Diante da realidade de segregação das adolescentes, o objetivo principal deste trabalho é perceber a possibilidade do sentimento de sororidade, que é a solidariedade entre as mulheres a partir das experiências de opressão de gênero sofridas, dentro de uma instituição total como o CASEF. Tal trabalho se justifica, pois o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), disposto na Lei 12.594/2012, prevê uma série de princípios, regras e critérios que buscam garantir os direitos fundamentais de adolescentes internadas. No Eixo 6.3 da Lei do SINASE, intitulado *Diversidade étnico-racial, gênero e orientação sexual* (BRASIL, 2015), apresenta-se uma série de atividades e projetos que devem pautar a execução de medidas:

- a) Parcerias com Secretarias, órgãos públicos, ONGs e iniciativa privada, na elaboração de projetos de inclusão;
- b) Garantia de equidade do atendimento socioeducativo, no tocante à qualidade dos serviços oferecidos aos adolescentes de ambos os sexos;
- c) Promoção da auto-estima do(a) adolescente quanto ao gênero;
- d) Valorização da adolescente, pela participação familiar e comunitária;

¹ IV ENADIR. GT05 - Antropologia, gênero e punição.

² A pesquisa completa está publicada em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/06/cb905d37b1c494f05afc1a14ed56d96b.pdf>.

- e) Discussões sobre a saúde sexual, reprodutiva, vida familiar, padrões de gênero e violência;
- f) Capacitação dos profissionais do centro e outros que trabalhem no atendimento socioeducativo para intervir nessas temáticas;
- g) Oficinas pedagógicas tratando das diferenças e a conseguinte construção de identidade;

Ou seja, a medida socioeducativa, especialmente no caso das adolescentes mulheres, deve buscar a auto-estima, bem como discutir questões de violência e padrões de gênero. É, nesse ponto, que a sororidade torna-se fundamental. Não se pode esperar que todas as mulheres se congreguem em torno das mesmas bandeiras, mas isto não significa que não haja bandeiras capazes de tornar irmãs, tornar mais iguais, um grupo de mulheres (SAFFIOTI, 1987, p. 87). Desta forma, o sentimento de reconhecimento enquanto mulher e, como consequência, o reconhecimento da condição da mulher na sociedade atual são fundamentais para lutar contra as desigualdades de gênero.

Portanto, ao menos em tese, pode-se vislumbrar o reconhecimento da necessidade de superação das diferenças de gênero na legislação atual. Entretanto, outros trabalhos já apontaram que o encarceramento feminino pode ser composto por lições e exercícios voltados para aniquilar e anestesiar tudo aquilo que foge do ideal de padrão feminino hegemônico (ANGOTTI, 2011) e reproduzir as desigualdades do mundo externo (FACHINETTO, 2008).

Sendo assim, para entender o campo que se propôs estudar, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas narrativas junto com 13 adolescentes. Nesse sentido, havia um questionário com pontos que eram do interesse da pesquisa maior, mas não havia obrigatoriedade e as conversas fluíam de acordo com o que as adolescentes traziam e se sentiam confortáveis para falar. A entrevista narrativa acaba estimulando a pessoa a contar sobre acontecimentos importantes de sua vida e do seu contexto social (BAUER; GASKEL, 2002, p.93). Também foram realizadas sete entrevistas com a equipe técnica da casa, além da etnografia, em que foi relatado, através do uso de diário de campo, o cotidiano dentro da unidade de internação durante todo o mês de janeiro de 2014.

Diante de tais dados qualitativos, buscou-se olhar a realidade a partir dos referenciais teóricos que nortearam este trabalho. Primeiramente, utiliza-se das considerações de Erving Goffman (1974) sobre instituições totais para caracterizar o CASEF, apresentando a rotina da unidade e seu fechamento em relação ao mundo externo. Da mesma forma, a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault a partir das reflexões sobre disciplina, especialmente aquela

exercida no cárcere. Em seguida, apresentam-se as práticas patriarcais da unidade, demonstrando a finalidade institucional de uma *ressocialização* das jovens para se tornarem “mulheres de família” baseada, ainda, em uma lógica da criminologia positivista lombrosiana (ANGOTTI, 2011). Finalmente, coloca-se como são as relações entre as adolescentes dentro da unidade (GOFFMAN, 1974) a partir de suas narrativas e o sentimento em relação às práticas institucionais (HOOKS, 2000; LORDE, 1980).

O CASEF enquanto uma instituição total

O caráter total de uma instituição é simbolizado pela sua barreira em relação ao mundo externo (GOFFMAN, 1974, p. 16). As principais características de tais instituições são: (i) a organização de todos os aspectos da vida no mesmo local e sob uma única autoridade; (ii) cada fase da atividade diária da internada é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto; e, por fim, (iii) todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários supervisionados pela equipe dirigente (GOFFMAN, 1974).

Nesse sentido, as instituições totais, usualmente, se apresentam ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas para atingir determinadas finalidades oficialmente aprovadas. No caso do CASEF, coloca-se a socioeducação, a partir do cometimento de um ato infracional, como o objetivo da instituição. Foucault também traz apontamentos sobre a disciplina, em que os horários rígidos e a vigilância hierárquica constituem importantes instrumentos para o controle das pessoas internadas (FOUCAULT, 2008, p.125). Ao observar a rotina do CASEF, percebe-se a reprodução daquilo que Goffman definiu:

Figura 1 – Tabela com a rotina da unidade no turno da manhã

MANHÃ							
7 horas Passagem de Plantão							
HORÁRIO	SEG	TER	QUA	QUI	SEXT	SÁB	DOM
7h às 8h	Café da Manhã / Organização do Grupo						
8h	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Café da Manhã / Organização do Grupo / Pediculose	Café da Manhã / Organização do Grupo
	Cursos Profissionaliz.	Cursos Profissionaliz.		Cursos Profissionaliz.	Cursos Profissionaliz.		
	Lavanderia	Lavanderia		Lavanderia	Lavanderia		
	Biblioteca	Biblioteca		Biblioteca	Biblioteca		
08h30	Estágios	Estágios	Grupo Operativo G2	Estágios	Estágios	Organização Geral da Unidade	Programação de pátio com jogos ou filme no grupo
09h30	Intervalo*	Intervalo*		Intervalo*	Intervalo*		
10h	Escola	Escola		Escola	Escola		
	Cursos Prof.						
	Lavanderia	Lavanderia	Lavanderia	Lavanderia	Lavanderia		
	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca		
11h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h	Organização do Grupo						
13h	Passagem de Plantão						

* Intervalo da manhã: liberado para atividades lúdicas, televisão, rádio e pátio.

Figura 2 – Tabela com a rotina da unidade no turno da tarde

TARDE							
13 horas Passagem de Plantão							
HORÁRIO	SEG	TER	QUA	QUI	SEXT	SÁB	DOM
13h	Estágios	Estágios	Estágios	Estágios	Estágios	Descanso das adolescentes	Descanso das adolescentes
13h30	Escola	Escola		Escola	Escola		
	Cursos Prof.	Cursos Prof.		Cursos Prof.	Cursos Prof.		
	Lavanderia	Lavanderia		Lavanderia	Lavanderia		
	Biblioteca	Biblioteca		Biblioteca	Biblioteca		
15h	Intervalo*	Intervalo*		Intervalo*	Intervalo*	Atividades Religiosas	Visitas
15h30	Escola	Escola	Visitas	Escola	Escola		
	Cursos	Cursos		Cursos	Cursos		
17h	Lavanderia	Lavanderia	Término da visita	Lavanderia	Lavanderia	Higiene e beleza das adolescentes	Término da visita
	Biblioteca	Biblioteca		Biblioteca	Biblioteca		
17h30	Escola Vespertino	Escola Vespertino	Escola Vespertino	Escola Vespertino	Escola Vespertino		
18h50	Intervalo*	Intervalo*	Intervalo*	Intervalo*	Intervalo*		
19h	Passagem de Plantão						

* Intervalo da tarde: liberado para atividades lúdicas, televisão, rádio e pátio.

Figura 3 – Tabela com a rotina da unidade no turno da noite

NOITE							
19 horas Passagem de Plantão							
HORÁRIO	SEG	TER	QUA	QUI	SEXT	SÁB	DOM
19h30	Jantar e organização do grupo	Jantar e organização do grupo	Jantar e organização do grupo				
20h	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Atividade dirigida	Atividade dirigida
21h				Grupo Espírita			
22h	Atividade dirigida						
22h30	Hora de recolher	Hora de recolher	Hora de recolher	Hora de recolher	Programação nos grupos		
00h						Hora de recolher	Hora de recolher
06h	Despertar Banhos Fiscalizações Organização do grupo						
7h	Passagem de Plantão						
8h						Despertar Organização da unidade	Horário de despertar livre

Fonte: Disponibilizado pelo Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (CASEF)

As adolescentes possuem uma rotina que inicia às seis horas da manhã e não possuem nenhum horário livre. As duas primeiras atividades são o banho e a faxina do quarto. Após a fiscalização dos quartos, na qual as meninas podem levar advertência caso não sejam aprovadas, é servido o café da manhã. Tendo feito este ritual inicial ao acordar, as meninas têm diversas opções de atividades, trabalhos e cursos, além da escola. Aos sábados e

domingos, por não haver escola ou cursos, as meninas acordam às oito horas da manhã para fazer a faxina do quarto e de outros espaços da unidade. Não há momento de ócio, e até mesmo as atividades de lazer são controladas conforme se observa nas tabelas contendo a rotina da unidade. A escola acontece nos três turnos - manhã, tarde e noite -, e o horário de aula depende da turma que a menina está cursando.

O espaço é muito organizado, e cada adolescente tem seu quarto – chamado por elas de *brete*. Importante apontar que a casa possui estrutura para 30 adolescentes e não há superlotação. É visível, desta forma, que a divisão dos ambientes e a organização exigida geram uma coerção disciplinar muito maior nas jovens.

Nota-se que uma das formas mais eficazes de controle - e mais naturalizada - é a violência psicológica que os agentes institucionais exercem sobre as adolescentes, especialmente através de ameaças com sanções disciplinares ou com o famoso "*vou contar à juíza o que ocorreu*". Importante reproduzir a fala da adolescente D., quando diz que:

“aqui é mais trabalhado no teu psicológico.”

Trecho de entrevista com D., 17 anos, realizada em 13 de janeiro de 2014.

A unidade possui regras bem rígidas como a proibição de escutar o estilo de música conhecido como *funk*, de conversar sobre assuntos externos, de usar roupas curtas e de falar palavrões e gírias. Ademais, é visível que o CASEF possui um mecanismo penal dentro do seu sistema de disciplina (FOUCAULT, 2008, p. 148) para o seu "bom" funcionamento: o formal através do Regimento Interno, e o informal realizado pelas próprias técnicas da casa com ameaças. O Regimento Interno prevê sanções para cada ação que viole as regras pré-determinadas na casa, e, como conseqüência, as violações culminam em uma Comissão Administrativa Disciplinar (CAD). Em relação ao controle informal, uma adolescente conta que:

“a monitora fica com o livro aberto anotando tudo e que a juíza vai ficar sabendo.”

Trecho de entrevista com A., 20 anos, realizada em 20 de janeiro de 2014.

Por fim, o CASEF utiliza da "técnica de contenção" para controlar algumas adolescentes:

“a contenção é quando a menina se descontrola, tu tem que amarrar e tal. Pra ela não se matar e tal [...].”

Trecho de entrevista com S., 18 anos, realizada em 13 de janeiro de 2014.

O cotidiano dentro da unidade demonstra que a rotina é rígida e controlada constantemente pelos técnicos e monitores - a equipe dirigente. A unidade, conforme a entrevista com a diretora, é considerada a casa modelo para o atendimento socioeducativo.

A reprodução do patriarcado

Ao escrever sobre o surgimento das prisões femininas brasileiras, Bruna Angotti (2011) aponta como a obra *La Donna Delinquente, La Prostituta e La Donna Normale* de Lombroso correlacionou a sexualidade e a criminalidade feminina, idéia presente até hoje (2011, p. 157):

Escrita à época do surgimento da sexologia, Lombroso buscou conciliar as patologias e os distúrbios sexuais delimitados por sexólogos para explicar os desvios sociais da criminosa. Para o autor, o comportamento monogâmico representava o topo da cadeia evolutiva feminina, sendo possível pontuá-lo em “mulheres morais”, ou seja, “mulheres normais”.

Sendo assim, a mulher que comete um crime - ou um ato infracional - aparece, também, enquanto desviante não apenas da lei penal, mas da lei “moral” daquilo que se espera de um mulher em uma sociedade patriarcal.. Neste cenário, não se pode falar em patriarcado enquanto uma estrutura isolada, mas deve-se considerar que tal estrutura se relaciona diretamente com o capitalismo e a supremacia branca (LORDE, 1980, p. 115). Nesse sentido, ao trazer as falas das adolescentes das situações em que elas percebem uma diferença de tratamento em relação às unidades masculinas, também se deve perceber que tais atividades impostas caracterizam não apenas o universo construído socialmente enquanto feminino, mas, no caso brasileiro, uma realidade de classe social também.

As adolescentes, dentro do CASEF, têm atividades obrigatórias para cumprir e podem fazer cursos oferecidos pela instituição, conforme já apresentado em subtópico anterior. Uma importante atividade delas dentro da casa é a limpeza e a organização do ambiente. O questionamento que fica sobre esta atividade é levantado a partir da fala colacionada abaixo de uma das adolescentes:

“Tem uma regra, né? Tem que limpar. Sim, não pode ficar no quarto, né? Porque é o ambiente que tu vive, né, daí tu tem que limpar. E os guri não, né? Não tão nem aí. Se limpam, se sujam. Bem assim, sabe?”

Trecho de entrevista com S., 18 anos, realizada em 13 de janeiro de 2014.

Outra adolescente, a B., refere-se como sendo "trabalho escravo" a questão da faxina, até porque as adolescentes não limpam apenas seus quartos, mas, também, toda a unidade, incluindo a sala da direção. Ela questiona, diante disso, se não seria possível "*o governo contratar alguém*".

A adolescente D. fala sobre a atividade de bordado e diz ser obrigatória, ainda que ela não goste. Nas atividades esportivas, o vôlei aparece como o esporte mais praticado. Inclusive, quando a equipe de pesquisa foi fazer a primeira visita à unidade, as adolescentes estavam jogando Vôlei. Quando foi perguntado se era possível que as meninas jogassem, por exemplo, futebol, a funcionária da instituição que lhes acompanhava disse que não, por ser um esporte muito violento para *meninas* e elas poderiam aproveitar o espaço para se baterem nos encontrões que o esporte propicia.

Além disso, há a atividade da lavanderia, que consiste em uma importante atividade na casa e que gera renda para as adolescentes, visto que é aberta para serviços externos também. O grande problema é que, mais uma vez, é uma atividade pensada somente para as meninas. Ademais, elas reclamam das condições como são entregues as roupas pertencentes aos meninos. A adolescente L. reclama de ficar "*lavando as roupas desses gurus podres*", já que, como confirmado por outras adolescentes, os adolescentes meninos não possuem nenhuma obrigação de limpeza. Os cursos e oficinas profissionalizantes ofertados são de cabeleireira, camareira e recepcionista como informou a adolescente S., que se formou em todos eles.

Outra dificuldade é que, quando questionadas sobre educação sexual, as adolescentes falaram que não existe este diálogo, ainda que a maioria delas já tenha tido alguma forma de relação sexual. A jovem D. diz que "*não falam sobre os assuntos sexuais. Não pode*". Neste ponto, uma adolescente relatou ter tido "relação sexual chapada e bêbada", em uma das saídas autorizadas. Outras duas adolescentes, a L. e a S. também falaram de abusos sexuais sofridos, uma pelo tio e outra pelo padrasto.

Uma terceira dificuldade foi a forma como a equipe técnica relatou a sexualidade de uma das adolescentes enquanto uma provocação para sua mãe no Plano Individual de Atendimento que foi disponibilizado pela unidade:

“B. busca ser provocadora ao se comunicar com a mãe, e neste sentido parecem se situar algumas de suas verbalizações para a genitora, ao dizer que gostaria de cortar os cabelos bem curtos como de um menino e que gosta de se relacionar com meninas.”
Relato do PIA de B., datado de 15 de novembro de 2013.

Ainda sobre a sexualidade das jovens internadas, existe uma regra que proíbe o contato físico/afetivo entre elas. Tal proibição busca evitar as relações homossexuais na unidade, visto que são proibidas e podem gerar alguma sanção disciplinar. A adolescente D. conta que:

“Não pode ter convívio, não pode ter afinidade [...] apertar a mão já pode dar CAD, mostra que tu já ta te envolvendo.”
Trecho de entrevista com D., 17 anos, realizada em 13 de janeiro de 2014.

Deve-se pensar a sexualidade enquanto um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 2014), ou seja, uma invenção social, construída e reforçada pelos discursos historicamente construídos. Desta forma, o sexo precisa ser controlado, administrado e regulado para o "bem de todos" segundo um padrão (FOUCAULT, 2014, p.31). A regulação das jovens que, de alguma forma, fugiram do padrão construído, é feito através das práticas e das regras da unidade.

A relação controlada entre as jovens

Um dos principais pilares do patriarcado, segundo a teórica feminista Bell Hooks, é ensinar que as mulheres não devem ter solidariedade entre elas (2000, p. 48). Diante disso, diversas vertentes do movimento feminista encorajam a ideia de *sisterhood* (sororidade) que é a união das mulheres a partir de suas experiências pela opressão de gênero. Sabe-se que as mulheres não constituem um grupo uniforme e homogêneo e, da mesma forma, o patriarcado pode atingir cada uma de determinada maneira (LORDE, 1980, p. 115). Entretanto, conforme propõe a própria Audre Lorde (1980), a experiência de ser mulher deve ser compartilhada como uma forma de empoderamento.

No decorrer da pesquisa, foi perguntado às jovens sobre a relação entre elas dentro da unidade. Ocorre que quase não se configuram laços de amizade entre as meninas internadas,

somente duas adolescentes possuíam algum vínculo de amizade entre as 13 entrevistadas, sendo que elas eram primas e ingressaram na unidade pela prática conjunta do ato infracional.

Existe a uma regra importante que é a proibição de conversas sobre assuntos externos a unidade. Ou seja, as jovens não podem falar sobre suas trajetórias, ou nem mesmo o ato infracional que praticaram. Ainda, a ausência de um tempo livre de convivência entre elas traz o sentimento de que é muito difícil possuir relações de amizade lá dentro:

“nem tem como ser amiga.”

Trecho de entrevista com S., 18 anos, realizada em 13 de janeiro de 2014.

“Ah amiga não, você tem afinidade até, fala mais com uma outras, mas ninguém aqui dentro é minha amiga.”

Trecho de entrevista com D., 18 anos, realizada em 20 de janeiro de 2014.

Ademais, conforme falado no tópico anterior, as jovens não podem se tocar ou ter qualquer afetividade uma com a outra sem receber uma sanção disciplinar. Portanto, é perceptível que tanto a estrutura física quanto as regras proíbem a convivência delas.

A partir disso, pode-se pensar, como Goffman (1974) sugere, que, nas instituições totais, há um sistema denominado ajustamentos secundários. Isto é, quando o grupo de internados cria práticas, códigos ou regras que rompem com a rotina oficial da instituição (1974, p. 54). O objetivo desses ajustamentos pode ser para que os internados consigam satisfações proibidas ou objetivos ilícitos, por exemplo. Porém, tais ajustamentos também podem ser uma forma de manter a cultura externa do internado (ibid), sendo uma prova para o internado de que ele ainda é um homem autônomo.

Entretanto, as coerções e os dispositivos de disciplina da instituição podem possibilitar ou não que os internados se comuniquem e criem alguma laço de solidariedade (ibid, p. 58 e 59). Desta forma, torna-se lógico que o nível de ajustamentos secundários é baixo dentro do CASEF, pois, como o próprio Goffman coloca, tais condutas e sentimentos vão depender da força de controle que a equipe dirigente exerce nos internados.

A relação entre as adolescentes internadas é extremamente controlada e, portanto, as jovens só podem dividir seus sentimentos sobre a instituição com a própria equipe técnica da unidade.

Considerações finais

Primeiramente, confirmou-se aquilo já apontado em outras pesquisas (ANGOTTI, 2012; FACHINETTO, 2008) sobre as unidades femininas enquanto espaços de reprodução do patriarcado e busca de normatizar as jovens internadas dentro de um padrão considerado ideal. Sendo assim, ainda que o gênero consiga se "cristalizar" numa forma que faz com que ele pareça ter estado lá o tempo todo, ele é um processo (SALIH, 2002, p. 67), e por ser um processo, ele está em contínua construção. Dentro de uma instituição total, este processo parece correr mais rápido buscando marcar mais ainda as diferenças de gênero e, por fim, sustentando desigualdades sociais (ELIZALDE, 2011, p. 139).

Diante disso, entre as inúmeras regras presentes dentro do CASEF para essa normatização das jovens, o isolamento entre as internadas aparece enquanto característica importante da unidade. Isto porque, conforme Foucault, o isolamento dos condenados garante que se possa exercer sobre eles, com o máximo de intensidade, um poder que não será abalado por nenhuma outra influência (2008, p.156). Nesse sentido, percebe-se a inexistência de amizade entre as internadas e o recebimento de certos valores impostos pela equipe técnica do CASEF. Da mesma forma, há uma dificuldade de rompimento com os valores institucionais por parte das jovens.

Entretanto, as adolescentes conseguem, como mostrado ao longo do trabalho, comparar as unidades masculinas e apontam o regime de funcionamento da sua unidade enquanto mais duro e disciplinador. Nesse sentido, muitas atividades, como o Projeto Lavanderia ou a impossibilidade de jogar futebol, aparece nas críticas feitas pelas adolescentes. Isto é significativo, pois demonstra questionamentos por parte das internadas em relação à rotina da unidade. Porém, tais críticas não são divididas entre elas, e, portanto, não aparecem enquanto uma reclamação geral de descontentamento, mas apenas pensamentos individuais. Ou seja, é possível pensar se a ausência de laços torna mais difícil para as jovens questionarem tais práticas. Isso demonstra que não basta perceber a diferença de tratamento das mulheres, mas é necessário uma luta conjunta para mudar isso (HOOKS, 2000).

Deve-se falar, neste ponto, que todas têm uma trajetória de vida parecida, marcada pela vulnerabilidade social e econômica, bem como situações de violência e abuso sexual. Sendo assim, o compartilhamento sobre essas situações vividas poderia gerar um reflexo conjunta sobre a condição de mulher jovem (HOOKS, 2000). Considerando, ainda, tratar-se de uma medida socioeducativa, era esperado que laços de amizade fossem valorizados. As

jovens internadas acabam por perder mais do que a liberdade, perdendo uma juventude dentro desta rotina rígida e controlada constantemente. Questiona-se, portanto, qual tipo de socialização e educação as unidades de internação estão buscando. O convívio conjunto entre as jovens poderia gerar um sentimento de empoderamento - o reconhecimento enquanto mulher que possui direitos (ibid) - e seria fundamental fora da unidade para continuar resistindo a um modo que ainda violenta constantemente essas jovens.

Referências Bibliográficas

ANGOTTI, Bruna Soares. *Entre as Leis da Ciência, do Estado e de Deus: O surgimento dos presídios femininos no Brasil*, 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo*. Disponível em: www.promenino.org.br/Portals/0/Legislacao/Sinase.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2015.

ELIZALDE, , Silvia. *La identidad imperiosamente: Pánico sexual y estrategias de vigilancia institucional hacia jóvenes mujeres y trans*. In: _____ (Org.) *Jóvenes en cuestión. Configuraciones de Género y Sexualidad en la Cultura*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2011.

FACHINETTO, Rochele Fellini. *A "casa de bonecas": um estudo de caso sobre a unidade de atendimento socioeducativo feminina do RS*, 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade – a vontade de saber*. São Paulo: Paz e terra, 2014.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

HOOKS, Bell. *Feminist Theory: From margin* . Brooklyn South and Press Classics, 2000.

_____. *Where we stand: class matters*. New York: Routledge, 2000.

LORDE, Audre. *Age, race, class, and sex: women redefining difference*. Sister outsider. California: Crossing Press, 1980.

SAFIOTTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. Editora: Perseu Abramo, 2007.

_____. *O Poder do Macho*. Editora Moderna, 1987.

SALIH, Sarah. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.